



DIÁLOGO ENTRE AMARO MATIAS E PAULO FREIRE: UMA PERSPECTIVA DE ENFRENTAMENTO AO RACISMO NO COTIDIANO ESCOLAR

DIALOGUE BETWEEN AMARO MATIAS AND PAULO FREIRE: A PERSPECTIVE OF CONFRONTING RACISM IN EVERYDAY SCHOOL LIFE

Rafael Bezerra da Silva Farias¹
 Maria Joselma do Nascimento Franco²

RESUMO: O presente estudo é o recorte de uma pesquisa em desenvolvimento no PPEGEDuC/UFPE-CAA, que tem como objeto “práticas pedagógicas de professores(as) iniciantes e experientes para o enfrentamento ao racismo com vistas a uma perspectiva antirracista”. O objetivo do estudo foi analisar as contribuições teóricas de Amaro Matias (1992) e Paulo Freire (1996) para o enfrentamento ao racismo no cotidiano escolar. O aporte teórico para tratar do **enfrentamento ao racismo** se fundamenta em Moura (2021) e Adelino (2022); **racismo** em Moura (1994) e Almeida (2021); **cotidiano escolar**, em Certeau et al. (1996) e André (2005). Nosso caminho metodológico é de abordagem qualitativa via André (1983); o procedimento de produção de dados, foi análise documental do tipo técnico conforme Lüdke e André (2018). O resultado da pesquisa, é que há um diálogo entre Matias (1992) e Freire (1996), no sentido de enfrentamento do racismo no cotidiano escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Matias. Freire. Enfrentamento ao racismo. Racismo. Cotidiano escolar.

ABSTRACT: The present study is the excerpt of a research under development at PPEGEDuC/UFPE-CAA, which has as its object "pedagogical practices of beginner and experienced teachers to confront racism with a view to an anti-racist perspective". The objective of the study was to analyze the theoretical contributions of Amaro Matias (1992) and Paulo Freire (1996) to confront racism in everyday school life. The theoretical contribution to deal with the **confrontation of racism** is based on Moura (2021) and Adelino (2022); **racism** in Moura (1994) and Almeida (2021); **school daily life**, in Certeau et al. (1996) and André (2005). Our methodological path is a qualitative approach via André (1983); the data production procedure was technical document analysis according to Lüdke and André (2018). The result of the research is that there is a dialogue between Matias (1992) and Freire (1996), in the sense of confronting racism in the school routine.

KEYWORDS: Matias. Freire. Confronting racism. Racism. Daily school life.

¹ Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste – Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea – UFPE/CAA-PPGEDuC, Caruaru-PE, Brasil – Email: rafael.bezerraf@ufpe.br.

² Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste – Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea – UFPE/CAA-PPGEDuC, Caruaru-PE, Brasil, E-mail: mariajoselma.franco@ufpe.br.





1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte de nossa pesquisa, de gênero textual dissertativo, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea, da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste - PPGeduC/UFPE-CAA. Esta tem como objeto de estudo práticas pedagógicas de professores(as) iniciantes e experientes para o enfrentamento ao racismo com vistas a uma perspectiva antirracista.

Compreendemos o enfrentamento ao racismo como um instrumento de conscientização sobre os malefícios que o racismo traz à vida da vítima, sobretudo aos(as) estudantes negros(as), que cotidianamente convivem com esse antagonismo no “chão” da escola (Moura, 2021). O combate ao racismo só pode ser realizado quando há anunciação, logo, o(a) professor(a) necessita ficar atento, para enfrentá-lo quando ele se anunciar (Adelino, 2022).

Concebemos o racismo sempre que há uma atitude depreciativa que tenha como base a raça de determinado grupo, ou seja, esse mecanismo de produção de violência não apenas viola os direitos dos(as) negros(as), mas também de outras etnias, como a indígena, por exemplo (Almeida, 2021). O racismo é um mecanismo usado pelo grupo branco ou dominante, como instrumento ideológico de exclusão de outros grupos, vistos historicamente como inferiores (Moura, 1994).

De acordo com Certeau et al. (1996), o racismo é um instrumento de produção do cotidiano, tanto pode libertar como aprisionar o sujeito. André (2005) elucida que no cotidiano escolar há uma tensão entre os grupos étnicos, ou seja, os produtores de opressão e os que estão se levantando e exigindo reparação histórica dentro dos componentes curriculares. Para Cavalleiro (2001), essa reivindicação tem base na igualdade de conhecimento que necessita ser versada na escola.





A **relevância** do trabalho se ancora no fato de se tratar de dois educadores pernambucanos que contribuíram por meio de suas práxis para a eliminação do racismo e seus mecanismos no espaço escolar. Nesta perspectiva, temos como **questão problema**: Há um diálogo entre as obras de Matias³ (Silva, 1992) e Freire (1996) sobre a necessidade de compreender o racismo para eliminá-lo no cotidiano escolar? Nosso **pressuposto** é que ambos dialogam e apontam para a necessidade de compreender o racismo enquanto um mecanismo de opressão que necessita ser eliminado do espaço escolar e conseqüentemente da sociedade.

No tocante ao objetivo da pesquisa, buscamos analisar as contribuições teóricas de Amaro Matias (Silva, 1992) e de Paulo Freire (Freire, 1996) para o enfrentamento ao racismo no cotidiano escolar. Esse objetivo se desdobra em: I) evidenciar quais são as posições de Amaro Matias (Silva, 1992) e de Paulo Freire (Freire, 1996) sobre o racismo no cotidiano escolar; II) Levantar as contribuições dadas por Amaro Matias (Silva, 1992) e por Paulo Freire (Freire, 1996) para enfrentar o racismo.

O aporte teórico da pesquisa tem como base compreender o **enfrentamento ao racismo** em Moura (2021) e Adelino (2022); **racismo** segundo Moura (1994) e Almeida (2021); **cotidiano escolar** em Certeau et al. (1996) e André (2005). O estudo tem como caminho metodológico, abordagem de pesquisa qualitativa via André (1983); o procedimento de produção de dados foi análise documental do tipo técnico, conforme Lüdke e André (2018). O trabalho está constituído a partir da categoria teórica; caminho metodológico, resultado da pesquisa, conclusão e as referências.

³Amaro Matias Silva nasceu em 22 de fevereiro de 1922 no município de Água Preta, Mata Sul de Pernambuco, foi um intelectual negro, trabalhou em diversas áreas, entre essas exerceu a profissão de professor, também foi pesquisador e escritor, criou a bandeira de Caruaru, contribuiu em várias áreas, sobretudo à educação e cultura. Em 03 de abril de 2002 faleceu em Recife -PE aos 80 anos (Silva,2022).





2 ENFRENTAMENTO AO RACISMO NO COTIDIANO ESCOLAR

Compreendemos enfrentamento ao racismo no cotidiano escolar como combate sistemático às práticas racistas, que não só têm historicamente anulado a História e a Cultura dos(as) estudantes afro-brasileiros(as), mas também têm causado choque, conflito, desencontro com sua subjetividade, ou seja, ancestralidade e identidade. Para Munanga (2019, p. 49), é necessária uma “[...] desintoxicação semântica e de constituição de um novo lugar de inteligibilidade da relação consigo, com os outros e com o mundo”, para desarraigar de dentro dos(as) negros(as) as várias violências vividas durante a trajetória estudantil, e fortificar sua negritude.

Moura evidencia:

Quando os sujeitos se reverberam contra as atitudes do opressor aos oprimidos, já estão aí tecendo contribuições que corroboram para o **enfrentamento do racismo** na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, respeitando e reconhecendo os sujeitos conforme suas diferenças. (Moura, 2021, p. 64 – Grifo nosso)

A autora elucida que o enfrentamento ao racismo ultrapassa os muros da escola, ganha uma amplitude maior no seio da luta por uma sociedade mais justa e menos desigual, invoca nos(as) oprimidos(as) a fortificação de sua capilaridade étnica. Para Silva (2021, p. 36. Grifo nosso), “O **enfrentamento do racismo** em sala de aula aparece em efeito de emergência na renovação do cotidiano escolar”; a autora revela que quando esse instrumento é inserido na sala de aula surge como emergência diante de atitudes racistas e os diversos mecanismos que atuam em violação sobre a vítima.

As atitudes racistas têm como crença a raça do indivíduo que está sofrendo com os atos de violência desse mecanismo, que, segundo Munanga,

[...] o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o





cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos etc. (Munanga, 2003, p. 8)

Os(as) racistas têm em seu imaginário a crença de superioridade sobre outros grupos étnicos, assim se utilizam dessa imaginação frágil para justificar, sem fundamentos, os atos racistas cometidos. Para Almeida (2021), o racismo “[...]é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios [...]”. O autor elucida que o racismo apoia na raça para se manifestar, de modo que seu objetivo é produzir desvantagem e privilégios, assim como se utiliza da violência implícita e não implícita como arma de dominação ideológica (Moura, 1994).

Nesse sentido, Moura (2021) concebe que esse combate é necessário no “chão” da escola, para romper com o racismo e seus derivados, os preconceitos e discriminações raciais. Somando ao pensamento de Moura (2021), Almeida (2021) expressa que o **preconceito e discriminação racial** atuam no cotidiano da sociedade brasileira e consequentemente na educação.

Conforme Almeida:

[...] **O preconceito racial** é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos. **A discriminação racial**, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. (Almeida, 2021, p.22. Grifo nosso)

O autor demonstra que, tanto o preconceito como a discriminação racial, não têm o mesmo sentido, entretanto ambos se constituem enquanto um conjunto de elementos





usados para promover as diversas violências, física e psíquica, a exemplo da desigualdade econômica, cultural, social e política, sobre os grupos étnicos vistos como inferiores ao branco, a partir dos juízos de valores negativos, criados para oprimir esses grupos, sobretudo o negro.

Ainda sobre os estereótipos, Cavalleiro (2012, p. 24) vai tratá-los “[...] como imagens prontas disponíveis sobre os grupos sociais [...], por sua vez, dão origem ao estigma que, imputado ao indivíduo negro, dificulta sua aceitação no cotidiano [...] impondo-lhe a característica de desacreditado”. A autora revela que, em relação aos estereótipos sobre a população afro-brasileira, torna-se mais difícil a aceitação do(a) negro(a) nos diversos espaços da sociedade, que tem uma mentalidade racista.

Conforme Moura (1994, p. 6), para o racista “[...], o negro é a ‘besta de carga’, ‘filho das paisagens adustas e bárbaras’; [...], o escravo negro é ‘humilde’, [...], são ‘foragidos’ a raça é ‘humilhada e sucumbida””. O racismo ideológico tem sua raiz no colonialismo e penetrou na sociedade, assim como na mentalidade dos(as) brasileiros(as), a ideia de que os(as) negros(as) são inferiores, e todos os lócus de resistência ao processo de dominação não foram vistos com bons olhos pelo colonialista.

Há uma necessidade de trabalhar na educação pautas que tenham como objetivo o enfrentamento ao pensamento colonialista, que, conforme Moura (1994), é racista. O enfrentamento ao racismo pelos(as) professores(as) acontece quando eles(as) trabalham em sala de aula o conhecimento produzido pela etnia negra de forma positiva, buscando, segundo Silva (2021, p. 229), promover os “[...] saberes desses grupos tradicionais, questionando os discursos e [...] os conhecimentos eurocêntricos”, valorizando os artefatos culturais desse grupo étnico e, quando houver foco do racismo, esses profissionais necessitam criar estratégias de superação desse antagonismo. De acordo com Adelino





(2022), o combate ao racismo acontece por meio de intervenção com centralidade na eliminação desse antagonismo na escola.

Segundo Rocha,

Fica garantido à criança negra o direito de viver e conviver em igualdade de condições com todas as etnias, vendo a história de seu povo também sendo contada, sua cultura valorizada, e reconhecidos os reais legados de seus ancestrais africanos para todo o povo brasileiro. (Rocha, 2019, p. 1)

Rocha (2019) argumenta sobre a necessidade de garantia dos direitos de as crianças negras viverem e conviverem em equidade de condições com as outras, de conhecer a real História, a Cultura e o legado dos seus ancestrais, ou seja, de ser criança, e não mero objeto de discriminação.

Para garantir os direitos dos(as) estudantes, é necessário montar estratégias pedagógicas que possibilitem o acesso de forma positiva à História e à Cultura de suas etnias, para a feitura do Brasil; segundo Cavalleiro (2001, p. 149) é necessário o “[...] desenvolvimento de estratégias pedagógicas que possibilitem o reconhecimento da igualdade entre os grupos raciais e, paralelamente, a aceitação positiva dos alunos negros pelos demais alunos”. Essas estratégias podem ser construídas de diferentes formas, a partir de roda de diálogo afrocentrado ou afrofuturista, cine-afro e outras atividades, mas que se partilhe de forma positiva de personalidades negras, como os(as) escritores(as), professores(as), artistas populares e não populares, médicos(as), advogados(as) entre outros(as), que são heróis e heroínas da população afro-brasileira.

Silva (2021) evidencia que o cotidiano escolar é uma amostragem da realidade da sociedade brasileira, logo há uma necessidade do desenvolvimento de estratégias que deem conta de conter/eliminar pensamentos/atitudes baseados no racismo, discriminação, preconceito racial ou outra forma de mecanismo de violência posta há décadas, nesse espaço de construção do saber.





Para André,

Poderíamos rever aqui muitas outras situações do **cotidiano escolar** em que o confronto social está presente, **encontros e desencontros explicitam-se, aproximações e rejeições manifestam-se**, comportamentos de **subordinação** e de **resistência vêm à tona**. (André, 2005, p. 65 – grifos nossos)

Concordamos com a autora, o cotidiano escolar é um espaço de disputa, que, na contemporaneidade, vem sendo reivindicado pelos outros grupos étnicos, excluídos, no decorrer da História, da instituição escolar no Brasil, como a etnia negra. Esse espaço de ensino e aprendizagem, como evidenciamos, está sendo reivindicado por meio dos Movimentos Negros Brasileiros (Farias e Franco, 2022; Gomes, 2005; Adelino, 2022), que possibilitam disputar tais espaços e repudiar ações racistas praticadas no cotidiano escolar, ou seja, resistência nesse campo de construção de conhecimento.

Em conformidade com Cavalleiro:

Os professores se dizem preocupados com a discriminação racial e os preconceitos presentes no **cotidiano escolar**, mas se mostram desconhecedores de **práticas pedagógicas anti-racistas**, de leituras que amparem o trabalho profissional em sala de aula e desconhecedores das **consequências/efeitos do racismo** e seus derivados para os alunados brancos e negros e para a sociedade brasileira, em sentido amplo. (Cavalleiro, 2005, p. 82 – grifos nossos)

Apesar da preocupação dos(as) professores(as) com a discriminação racial e os preconceitos no cotidiano escolar, além da falta de formação continuada sobre as relações étnico-raciais, eles(as) não acessam a literatura que ampare o seu trabalho profissional em sala de aula, para, assim, saber as consequências do racismo na vida dos(as) estudantes negros(as). As práticas pedagógicas antirracistas repelem quaisquer atos racistas no cotidiano escolar, aproximam adultos e crianças, negros(as) e não negros(as), reeducando para uma sociedade democrática (Freire, 1996; Cavalleiro, 2001; Adelino, 2022).

Em conformidade com Certeau et al. (1996), o cotidiano é aquilo que é dado





diariamente, ou seja, são as produções que se constituem cotidianamente ou são compartilhadas conosco dia após dia, de modo que podem oprimir de várias maneiras nossa trajetória pessoal e profissional.

Essa opressão no espaço da escola são as exclusões de representatividade negra, que, segundo Candau (2012, p. 159) “em muitas ocasiões, nem sequer existe um espaço para que os diferentes sujeitos possam expressar e refletir sobre a estruturação do seu dia a dia”. A autora afirma que em muitas ocasiões não é dado espaço para os outros grupos partilharem sua História e sua Cultura, causando uma exclusão dos saberes desses sujeitos, em especial os(as) negros(as).

Cavalleiro concebe que:

[...] O cotidiano escolar dá margem à compreensão de uma **relação harmoniosa** entre adultos e crianças; negros, brancos. entretanto, esse aspecto positivo **torna-se contraditório** à medida que **não são encontrados no espaço de convivência das crianças cartazes, fotos ou livros infantis que expressem a existência de crianças não-brancas na sociedade brasileira**. (Cavalleiro, 2001, p. 145 – grifos nossos)

A autora explica que no cotidiano escolar ocorre um apagamento ideológico, conhecido como etnocídio⁴, que é o genocídio da cultura dos grupos vistos como minoritários, como da população afro-brasileira. Quando a criança negra não se vê nos cartazes, fotos e livros que deveriam ter a imagem dela de forma positiva, não apenas de crianças brancas, há nesse contexto uma das expressões do etnocídio. Reproduzir uma visão única de História, por meio de personagens não negros(as), que foram necessários(as), colocando de lado os(as) personagens não brancos(as), que também foram relevantes em

⁴ O etnocídio é a destruição da cultura dos grupos étnicos vistos como inferiores, em consonância com Clastres (2004, p. 56), “O etnocídio, portanto, é a destruição sistemática dos modos de vida e pensamento de povos diferentes daqueles que empreendem essa destruição”; o autor argumenta acerca do etnocídio, que é uma arma de destruição sistemática da cultura dos grupos étnicos, jogados historicamente à margem do sistema.





nossa História, configura-se como apagamento ideológico.

CAMINHO METODOLÓGICO

Temos como abordagem a pesquisa qualitativa, que nos permite capturar a realidade presente no cotidiano da sala de aula, bem como os múltiplos sentidos dos fenômenos produzidos contidamente no “chão” da escola, tanto pelos sujeitos educativos, em especial professores(as) quanto pelos(as) estudantes desse espaço de construção do conhecimento escolarizado (André,1983).

Para responder aos objetivos de evidenciar quais são as posições de Amaro Matias (Silva, 1992) e de Paulo Freire (Freire, 1996) sobre o racismo no cotidiano escolar e de levantar as contribuições dadas por Amaro Matias (Silva, 1992) e por Paulo Freire (Freire, 1996) para enfrentar o racismo, utilizamos como procedimento de produção de dados a análise documental do tipo técnico (Lüdke e André,2018).

Para orientar nossa movimentação investigativa, constituímos três indagações 1) **Qual é a posição de Matias e Freire sobre o racismo?** 2) **Há racismo no cotidiano escolar?** 3) **Quais as contribuições dos dois educadores para o enfrentamento ao racismo?** Assim, elegemos duas obras teóricas para examinar, uma de Matias (**Meus Caminhos... Memórias**, publicada em 1992) outra de Freire (**Pedagogia da Autonomia**, publicada em 1996).

Para tratar os dados produzidos utilizamos análise de prosa em André (1983), que nos possibilita examinar os dados qualitativos de diferentes materiais trabalhados, ou seja, tanto questionário como documentos oficiais, técnicos, entre outros. Esse procedimento de análise considera como fundamental tanto a experiência como subjetividade do(a) pesquisador(a), para assim poder examinar ao todo os dados que emergiram dos materiais tratados, a partir dos vários questionamentos, como o que essa mensagem quer dizer.





3 DIÁLOGO DE AMARO MATIAS E PAULO FREIRE: UMA PERSPECTIVA DE ENFRENTAMENTO AO RACISMO NO COTIDIANO ESCOLAR

O enfrentamento ao racismo são as atitudes dos sujeitos educativos, sobretudo os(as) professores(as), quando presenciam atos racistas na escola, ou mesmo no interior da sala de aula. Para Adelino (2022, p. 199), o enfrentamento ao racismo se dá “[...] através de intervenções para tentar resolver e solucionar os conflitos[...]”; o autor explica que o combate se dá a partir de intervenções que busquem solucionar os conflitos causados por práticas racistas no “chão” da escola.

O **racismo** tem como base a raça de determinados grupos étnicos (Almeida, 2021), principalmente os descendentes de escravizados(as) no Brasil, ou seja, as populações negra e indígena. Para Moura (1994), o racismo se utiliza de diversos mecanismos para impor sua concepção de mundo, ou seja, por meio da violência implícita e não implícita ou pela exclusão dos meios de poder político e econômico.

Compreendemos cotidiano escolar enquanto um espaço de produção de conhecimento; para Certeau et al. (1996), é tudo aquilo que nos é dado, ou seja, se a sociedade é fundada no racismo, o cotidiano é reprodutor de práticas racistas, pois ele é alimentado por esse mecanismo; assim, cotidianamente os(as) estudantes negros(as) são violados(as) por meio de atos racistas, na escola.

Ao analisar as obras (**Meus Caminhos... Memórias**, publicada em 1992, e **Pedagogia da Autonomia**, de 1996), buscamos compreender qual é a **posição de Matias e Freire sobre o racismo**. Os autores se posicionam da seguinte forma:

É um fato lamentável – maltratos ontem, discriminação hoje [...]. Isto é intolerável num país de contraste e mestiços que impede a ascensão do negro (Silva, 1992, p.338).

A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia (Freire, 1996, p.19-20).





Os extratos acima evidenciam que, os participantes não comungam com o racismo, eles enojam tais atos. Ambos concebem esses mecanismos, como discriminação e preconceito, andando lado a lado com o racismo, embora em formas diferentes de atuação.

Em acordo com Almeida (2021), enquanto o racismo se apoia na raça para se manifestar, de forma consciente ou inconsciente, o preconceito é um juízo de valor formado sobre os indivíduos de determinado grupo, para discriminá-lo. Já a discriminação racial é a forma de tratar esses sujeitos de forma diferente, beneficiando ou prejudicando, por causa da cor, do cabelo, entre outros marcadores étnicos. Tanto um quanto outro participante se posicionam contrariamente às práticas tanto de preconceito quanto de discriminação racial, as quais, por mais que sejam diferentes do racismo, ainda assim são instrumento de opressão na vida da população negra.

Ao realizar nossa movimentação de análise sobre as obras tratadas, buscamos evidenciar como Matias e Freire concebem o racismo no cotidiano escolar; ambos explicitam que:

[...] uma professora má disse que não festejaria os cem anos da abolição por não ter negrinhos na sua classe (com risos) e outra mesma [...] disse “vou comemorar sim para vestir de escravos os negros outra vez” (Silva, 1992, p.341).

Tão fingido quanto quem diz combater o racismo mas, perguntado se conhece Madalena, diz: “Conheço-a. É negra mas é competente e decente.” Jamais ouvi ninguém dizer que conhece Célia, que ela é loura, de olhos azuis, mas é competente e decente (Freire, 1996, p.19-20).

Os autores elucidam suas indignações com as atitudes expressas pelas professoras em sala de aula. O primeiro extrato demonstra como as profissionais de educação corroboram com as práticas racistas no cotidiano da sala de aula; além disso, revelam desprezo pelos(as) estudantes que fazem parte do grupo étnico negro.





O segundo extrato revela como o racismo emerge na fala dos(as) professores(as), de forma consciente ou inconsciente (Almeida, 2021), produzindo atos racistas. Tais práticas, para Freire (1996), não devem ser acolhidas e aceitáveis na educação. Os educadores partilham suas inquietações sobre o racismo no cotidiano escolar, concebendo como um mal que necessita ser eliminado.

Ao examinar as contribuições dos educadores para o enfrentamento ao racismo, temos que:

[...] professores conscientizados e comprometidos com a educação [...]. O livro didático deve ser revisado e corrigida a história mal contada sobre o Negro [...]” (Silva, 1992, p.340-341).

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação (Freire, 1996, p.19-20).

O enfrentamento se dá por meio de professores(as) conscientes dos problemas que o racismo causa na vida dos(as) estudantes negros(as), como também por profissionais conscientizados do seu papel na educação. É relevante que as redes municipais de educação promovam formação continuada, numa perspectiva de enfrentamento ao racismo no cotidiano escolar, para que os(as) professores(as) possam se alimentar de estratégias que possibilitem enfrentar tanto o racismo e seus derivados, como o preconceito e discriminação.

Faz-se necessário que as Secretárias de Educação oportunizem esses(as) profissionais a constituírem tanto uma consciência crítica, quanto um compromisso social e político de combate ao racismo. Além dos encontros formativos, há também os livros didáticos, que necessitam de revisão de conteúdo, pois além de apagarem as contribuições da etnia negra à sociedade brasileira, as obras não mencionam os(as) intelectuais negros(as) indispensáveis para compreender nossa história (Cavalleiro, 2012).

Gomes (2005, p. 52), realça que os(as) professores(as) precisam tomar consciência de que “[...] não basta apenas falar. É importante saber como se fala, ter a compreensão do que se





fala e mais: partir para a ação, para a construção de práticas e estratégias de superação do racismo e da desigualdade racial”. Comungamos com a autora que, além da consciência sobre os malefícios provenientes do racismo, é relevante partir para a prática, ou seja, assumir postura de confronto ao racismo, diante do mal que ainda atinge nossos(as) estudantes.

Os educadores pernambucanos dialogam entre si, pelas suas obras e tomam posição de não aceitação do racismo e das atitudes que tenham como foco a reverberação e manutenção dele no cotidiano escolar e na sociedade. As contribuições dadas pelos autores para o enfrentamento ao racismo no cotidiano da escola são indispensáveis para a feitura de práticas que busquem uma conscientização dos sujeitos formativos, como professores(as), de maneira que esses(as) profissionais compreendam a necessidade de contribuírem para a eliminação desse mal na educação e na sociedade.

Tanto Matias como Freire expressam em suas obras, que não comungam com atos que tenham como prisma a exclusão e a violência, entre outros mecanismos frutos do racismo e seus derivados, e que infelizmente ainda se fazem presentes em nossa sociedade, emergindo no “chão” da escola e nas práticas pedagógicas dos(as) professores(as).

A posição de Matias e Freire sobre o racismo é de não aceitação desse antagonismo. Em relação a como eles concebem o racismo no cotidiano escolar, evidenciamos que tais práticas racistas muitas vezes estão presentes em atitudes de professores(as), esses(as) profissionais necessitam estar atentos para não produzirem tais atos racistas no cotidiano escolar. No que diz respeito aos educadores para o enfrentamento ao racismo, partilham da necessidade de professores(as) conscientizados(as) e compromissados(as) com o combate ao racismo, mas também existe uma necessidade em revisar os materiais didáticos, no sentido de corrigir e impedir que haja foco desse antagonismo no conteúdo deles.





CONCLUSÃO

Com relação ao nosso objeto “práticas pedagógicas de professores(as) iniciantes e experientes para o enfrentamento ao racismo com vistas a uma perspectiva antirracista”, trabalhamos o enfrentamento ao racismo no cotidiano escolar, constituindo dois objetivos específicos que alimentam o objetivo central da produção.

Atendendo ao primeiro objetivo específico “evidenciar quais são as posições de Amaro Matias e Paulo Freire sobre o racismo no cotidiano escolar”, foi expresso que os educadores se posicionam contra o racismo e seus derivados, embora tratem desse antagonismo social como preconceito e discriminação; ainda assim, suas posições são de não aceitação de qualquer atitude que tenha como centralidade esses antagonismos sociais no cotidiano escolar e na sociedade.

Respondendo ao segundo objetivo específico “Levantar as contribuições dadas por Amaro Matias e Paulo Freire para enfrentar o racismo”, identificamos que há cooperação dos educadores para o enfrentamento ao racismo, que se dá por meio da conscientização dos(as) professores(as), no que diz respeito às violências produzidas por esse antagonismo social.

No que se refere ao objetivo geral “analisar as contribuições teóricas de Amaro Matias e Paulo Freire para o enfrentamento ao racismo no cotidiano escolar”, é evidenciada nas obras trabalhadas a indignação em relação ao tratamento dado à população negra na educação. Existem contribuições de Matias e Freire para eliminação do racismo no cotidiano escolar. Além da indignação encontrada nas obras dos educadores, identificamos que eles não aceitam de forma alguma atos racistas na educação, principalmente nas práticas pedagógicas dos(as) professores(as). Os autores também explicitam a necessidade de profissionais de educação conscientizados(as) e compromissados(as) com o combate ao racismo. Os educadores apontam





para uma política pública de formação continuada de enfrentamento ao racismo para os(as) professores(as).

Ao retornar ao nosso pressuposto de que ambos dialogam e apontam a necessidade de compreender o racismo enquanto um mecanismo de opressão que necessita ser eliminado do espaço escolar e consequentemente na sociedade, este foi confirmado.

As obras indicadas dos educadores pernambucanos nos levam às indagações: será que Matias e Freire se conheceram em vida? Há proximidade entre os educadores do ponto de vista teórico e prático?

REFERÊNCIAS

ADELINO, Cícero Severino. **Abordagem do racismo nas práticas docentes em escola do campo nos anos iniciais do ensino fundamental**: uma análise pós-colonial. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, 2022. 235f.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro / Editora Jandaíra, 2021.

ANDRÉ, Marli Eliza D.A de. **Etnografia da Práticas Escolar**. São Paulo: Parirus, 2005.

ANDRÉ, Marli. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, São Paulo, maio de 1983, p. 66-71. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1491>>. Acesso em: 30 jun. 2022.

CANDAU, Vera Maria. A didática e a formação de educadores – Da exaltação à negação: a busca da relevância. In: CANDAU, Vera Maria. (Org.) **A didática em questão**. 33 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012, p. 13-24.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do Silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.





CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Racismo e Antirracismo na Educação**: repensando a escola. São Paulo: Summers, 2001.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2 – Morar, cozinhar. Trad. de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da Violência**: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

FARIAS, Rafael Bezerra da Silva; FRANCO, Maria Joselma do Nascimento. Contribuição do Movimento Negro e Demais Coletivos À Escola: prática pedagógica antirracista no agreste de Pernambuco. *In: Congresso Brasileiros de Pesquisadores/as Negros/as - XII COPENE* Caderno de Resumos. Democracia, Poder e antirracismo: avanços, retrocessos legais e ações institucionais. Recife-PE, 11 a 16 de setembro/2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Lino Nilma. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações Raciais no Brasil: Uma breve Discussão. *In: Educação anti-racista*: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p.39-65.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

MOURA, Clóvis. O racismo como arma ideológica de dominação. **Revista Princípios**, nº 34, São Paulo, ago-out 1994, pág. 28-38.

MOURA, Gilvania Gomes de. **Educação das relações étnico-raciais na prática docente do ensino médio de uma escola no território campestre de Passira-PE**: um olhar para o enfrentamento do racismo. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru-PE 2021, 222 f.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4. ed. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2019





MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03, p. 1 -17. Disponível em <https://11nq.com/I5hiG>. Acesso em out. 2023.

ROCHA Rosa Margarida de Carvalho. **Direito Essenciais da Criança Negra na Escola**. 2019. Disponível em < <https://rosamargaridacarva.wixsite.com/rosamargarida/textos> >. Acesso em 25 de mai. 2024, p.1.

SILVA, Amaro Matias, **Meus caminhos**: memórias. Recife-PE: Bagaço, 1992.

SILVA, Eunice Pereira da. **Geperges Audre Lorde e processos emancipatórios: professoras e o enfrentamento do racismo em espaços escolares**. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021. 208f.

Recebido em: 20/04/2025
Aprovado em: 02/05/2025

